



Educação e cultura: diálogos entre saberes e pertencimento a partir de Círculos de Cultura

Maria Cláudia Martinelli de Mello Pitrez¹

Resumo

O diálogo educacional e intercultural entre conhecimentos formais e não formais muitas vezes se torna desafiador diante da hierarquia de saberes e da formatação curricular das instituições de ensino. O presente trabalho busca levantar alguns questionamentos em torno de educação, cultura e pertencimento a partir da pesquisa em andamento que venho desenvolvendo conjuntamente na Universidade Federal Fluminense. O objeto de análise da pesquisa centra-se na prática pedagógica desenvolvidas no curso de licenciatura em Ciências Sociais e no projeto de extensão, onde são realizados Círculos de Culturas. Nestas práticas são realizados trabalhos de campo em grupos e coletivos de artes e cultura popular da cidade e a realização de roda de saberes dentro e fora do espaço universitário. Como o campus está localizado no interior do Rio de Janeiro, grande parte dos discentes é de outras localidades e não conhecem muito bem a cidade, restringindo suas atividades entre local de estudos e moradia. Com isso, os Círculos de Culturas vêm se tornando uma prática educativa importante na construção de vínculos na universidade e também de laços de pertencimento com a cidade a partir de trocas de saberes e mapas afetivos entre a cidade de origem e com a cultura local.

Palavras-Chave: círculos de culturas; educação; pertencimento.

¹ Professora adjunta do departamento de Ciências Sociais de Campos dos Goytacazes, da Universidade Federal Fluminense.

Introdução

Ninguém escapa da educação! Como coloca Carlos Rodrigues Brandão: “(...) tudo que é importante para a comunidade, e existe como algum tipo de saber, existe também como algum modo de ensinar.” (BRANDÃO, 1981, p.09). Aprendemos muitas coisas fora da escola e esse caminho do aprender, processo pelo qual lidamos e compreendemos o mundo ao nosso redor, é repleto de conhecimentos que adquirimos pelas trocas diretas com a nossa família, amigos, vizinhos, comunidade, natureza. Educação não é sinônimo de escola e está para além dela; ela é formal, não-formal e informal, pode ser inclusiva como também excludente e reprodutora de um modelo conteudista que ratifica desigualdades sociais e opera enquanto ferramenta opressora. Todavia, o conceito de educação atrelada ao conjunto de sociabilidades, à produção, transmissão e salvaguarda de conhecimentos, como muito bem defendia Paulo Freire (1996) em sua metodologia dos círculos de culturas, evoca o lado plural, diverso e relacional da educação com cultura e cultura como educação.

Neste entrelaçar entre educação e cultura, as abordagens da antropologia podem contribuir com suas pesquisas e trabalhos etnográficos, evidenciando a diversidade de fazeres e saberes. No entanto, como Dauster (2004) e Gusmão (1997) apontaram, as discussões antropológicas sobre educação propriamente dita ainda carecem de mais aprofundamento e dedicação, pois, de forma geral, os temas educacionais passaram como um subtema dentro das investigações e análises etnográficas. Os argumentos das autoras mostram que, dentro do universo científico especializado e hierarquizado, estabeleceu-se uma separação entre prática e teoria, com a valorização desta última sobre a primeira, o que gerou em uma série de afastamentos às reflexões educacionais. Esta perspectiva estigmatizante favoreceu às separações estruturais, direcionando a educação e pedagogia apenas à dimensão da prática, voltada para as abordagens e recursos metodológicos de ensinos e aprendizagens.

Quando nos aproximamos das discussões do campo da pedagogia e de outras ciências classificadas à dimensão da prática, como as artes de um modo geral, percebemos muita riqueza investigativa e bibliográfica que busca quebrar barreiras entre teoria e prática de modo a combater colonialidades (QUIJANO, 2005) e epistemicídios (CARNEIRO, 2005; SANTOS, 2006). Com certeza os trabalhos de Paulo Freire, Miguel

Arroyo, Carlos Rodrigues Brandão, Moacir Gadotti, Nilma Gomes, Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Maria Beatriz do Nascimento, Leda Maria Martins, Lélia Gonzales, Ailton Krenak, Antonio Bispo dos Santos, dentre outros e outras, nos inspiraram, enriquecem e provocam nossos olhares para outras produções que estão sendo realizadas há bastante tempo, nos mostrando a constante luta de movimentos sociais, ambientais, artísticos e intelectuais a despeito de alicerces abissais (ARROYO, 2014) e de uma hegemonia que insiste em perpetuar. Como aponta Nilma Gomes (2017), mesmo com diferentes frentes, leis e projetos em andamentos, a luta é longa e constante para friccionar estruturas coloniais que imperam nas instituições de ensino formal com um modelo organizacional que valoriza competitividade, mérito, autoria, racionalidade instrumental, neutralidade e um “objetivismo calculado que é desumanizante” (bell hooks, 2021, p. 142).

Frente a clivagem dentro de campos de saberes científicos, outros conhecimentos e modos de vidas que prezam pelos ensinamentos através da oralidade, do corpo, da memória e saberes coletivos e tradicionais são silenciados, deixados de lado. Romper com a colonização científica e com as demais colonialidades que atravessam nossos modos de existência é um campo de batalha e de cura, onde a educação, despertada pelo diálogo de saberes e práticas ancestrais, danças, cânticos e outras bonitezas dos que aqui vieram antes, nos provocam e nos falam de experiências sobre rebeldia, liberdade, respeito, compromisso, amor e comunidade (RUFINO, 2021).

Educação e cultura: as Rodas de Saberes nas disciplinas de Práticas Educativas 2

Ao longo da minha trajetória como docente de sociologia da educação básica, na rede pública estadual do Rio de Janeiro, e posteriormente no ensino superior na Universidade Federal Fluminense, na cidade de Campos dos Goytacazes, me vi algumas vezes frente à abismos para construir pontes e diálogos de transposição dos conhecimentos científicos para jovens periféricos do ensino médio e ingressantes na universidade. Minha formação acadêmica foi claramente pautada no currículo clássico das ciências sociais, que na época não adentrava com facilidade na literatura de autores brasileiros contemporâneos, tampouco na bibliografia negra, indígena e dos movimentos populares. No âmbito do mestrado e doutorado, a literatura foi se ampliando cada vez

mais, se aproximando de autores atuais, mas de certa forma também restritiva, uma vez que o foco recai para discussões mais específicas das pesquisas em andamento. Quando fui para o campo vivo da docência, percebi como a minha formação básica da graduação não tinha me preparado de forma prática e atualizada para ser professora, sobretudo de jovens negros e periféricos. Foi a partir da minha experiência pretérita no campo das artes, música e cultura popular e nos cursos realizados com Carlos Rodrigues Brandão, no Museu do Folclore (RJ) e Instituto Paulo Freire (SP), que senti um amparo e segui as primeiras trilhas combativas de uma cultura educadora e rebelde (BRANDÃO e ASSUMPÇÃO, 2008) vista como uma prática emancipatória, engajada e crítica.

Com uma bagagem de 6 anos na educação básica, passando por turmas de EJA, formação de professores e diferentes escolas estaduais da cidade do Rio de Janeiro, entrei como professora efetiva na UFF, em Campos dos Goytacazes, no Departamento de Ciências Sociais, no início do ano de 2021. Já tinha vivenciado a experiência no mesmo Departamento como professora substituta anos anteriores, o que me auxiliou para começar esta nova fase que, neste momento, iniciou-se no meio da pandemia COVID-19. Mas de todo modo os desafios persistem quanto às formas de construir meios comunicativos entre as discussões das ciências sociais e a realidade dos discentes universitários de Campos dos Goytacazes.

O curso de ciências sociais da UFF, Campos dos Goytacazes, foi criado em 2009 no âmbito do processo de expansão e interiorização das universidades federais, oriundo do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), lançado em 2007. A UFF já existia na cidade apenas com o curso de Serviço Social, criado há 60 anos. Mas com a sua ampliação e criação de outros cursos (economia, história, psicologia, geografia e ciências sociais) formou-se então o Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, correspondendo a um conjunto de demandas, fortemente marcadas por aspectos sociais, econômicos e políticos regionais. O curso de ciências sociais apresenta as habilitações para bacharelado e licenciatura (assim como história e geografia) no período noturno. O perfil do alunado é majoritariamente composto por discentes negros, oriundos de outr

Quanto mais se amplia o direito à educação, quanto mais se universaliza a educação básica e se democratiza o acesso ao ensino superior, mais entram para o espaço escolar sujeitos antes invisibilizados ou desconsiderados 10 como sujeitos do conhecimento. Eles chegam com os seus conhecimentos, demandas políticas, valores, corporeidade, condições de vida, sofrimentos e vitórias. Questionam nossos currículos colonizados e colonizadores e exigem propostas emancipatórias. (Gomes, 2012: 99).

Este apontamento de Nilma Gomes é muito representativo para as experiências que vivi e vivo na UFF e, para me aproximar do universo dos discentes, fui buscar outras referências que não estavam nas ementas do currículo, buscando o diálogo com outras áreas de conhecimentos. Junto aos novos referenciais teóricos, também busquei implementar novas práticas dialógicas para serem aplicadas dentro das disciplinas, em especial nas Práticas Educativas², que tem como proposta a preparação prática da formação docente, junto às discussões das áreas das ciências sociais, educação e ensino de sociologia na educação básica.

Ao ministrar a disciplina Prática Educativa 2, com enfoque para as relações entre antropologia e educação, buscamos conjugar educação e cultura pelo viés diversidade cultural e diálogo intercultural crítico (CANDAU, 2011; FLEURI, 2003; WALSH, 2009). Ampliando e pluralizando a concepção da educação e cultura, diferentes pedagogias foram debatidas trazendo a produção de prática e saberes do campo, das ruas, das encruzilhadas, das culturas populares, dos quilombos e das etnias indígenas e etc. Nesta direção, a partir dos debates bibliográficos, criamos a Roda de Saberes, uma atividade prática de culminância da disciplina. Esta atividade foi organizada em parceria com os discentes, que escolheram e convidaram grupos e coletivos de artes e educação da cidade para uma roda de conversas, mediada também pelos próprios discentes. A maioria dos estudantes estão entre o sexto ou sétimo período e realizando estágios nas escolas, cujas experiências escolares são constantemente trazidas para reflexão nesta disciplina.

(...) a maioria das faculdades e universidades está organizada em torno dos princípios da cultura dominante. Esse modelo organizacional reforça hierarquias de poder e controle e incentiva os estudantes a ser favoráveis

² Dentro da estrutura disciplinar do curso de licenciatura de Ciências Sociais, existem três disciplinas de práticas educativas que buscam aproximar teorias e experiências de formação docentes a partir dos conteúdos de sociologia, antropologia e ciência política na educação básica. A disciplina prática educativa 1 refere-se ao campo da sociologia, a 2 da antropologia, enquanto a 3 da ciência política.

ao medo — ou seja, a temer os professores e procurar agradá-los. Ao mesmo tempo, alunos e alunas são incentivados a duvidar de si, de sua capacidade de saber, de pensar e de agir. Essa incapacidade aprendida é necessária para a manutenção da cultura do dominador (bell hooks, 2021: 141).

A cultura do medo e da competitividade da qual aponta bell hooks traz muita desconexão de si e do todo comunitário, e isso é bem perceptível quando estamos nas salas de aula. A dificuldade de criar laços e trocas de conhecimentos do-discentes muitas vezes resulta da preeminência conteudista e competitividade na produção científica. Percebe-se um descompasso e um fosso enorme no modo como ensinamos nas universidades frente às teorias sobre metodologias de ensino, uma distância entre como atuamos como professores do ensino superior e como desejamos que os licenciandos atuem em sala de aula como professores da educação básica. É fundamental mudar esse paradigma e a distância entre a formação profissional acadêmica e ação pedagógica, a distância entre teoria e prática, bem como a carência de diálogo entre universidade e comunidades.

Com isso, um dos grandes desafios a ser enfrentado na formação de professores é acabar com a ideia de um modelo único e colocar em prática outras formas de ensino e aprendizagem, com mais diversidade e ludicidade, de modo que nos ajudem a compreender a máxima de aprender aprendendo, aprender errando e em diálogo com outros saberes. Neste desafio, a realização das Rodas de Saberes foi muito proveitosa, com resultados positivos que agregou prática educativa e investigativa, além de integrar discentes com a cultura local. Muitos discentes de fora aproximaram e fizeram correspondências entre histórias campistas narradas nas rodas com outras histórias pessoais e da sua cidade de origem, criando laços de conexão e aproximação que contribuíram para transformar o que se apresentava como “estranho” em “familiar”. A integração dos modos de pensar, sentir e fazer de artistas possibilitou caminhos extraordinários para esperar a educação e popularizá-la. Conhecer a cidade a partir da arte, resultou em caminhos e mapas afetivos onde os jovens “forasteiros” podem se sentir acolhidos e mais íntimos da localidade, rompendo medos e inseguranças.



Figura 1: Divulgação da Rodas de Saberes



Foto 1: Participantes na Rodas de Saberes

Expandindo fronteiras: projeto de extensão dos Círculos de Culturas

Com o resultado positivo das Rodas de Saberes, as ideias foram germinando, crescendo até se desdobrar em um projeto de extensão, que teve início em abril de 2023, intitulado como “Educação, cidade e pertencimento: círculos de culturas entre coletivos estudantis e artísticos da cidade de Campos dos Goytacazes”. Entendendo a importância dessa prática de expansão e conexão das Universidades e instituições de ensino, o projeto pretende ampliar e dar continuidade às Rodas de Saberes, criando uma prática extensionista com a formação de círculos de culturas que contribua para um mapeamento da cultura imaterial da cidade, como também problematize e quebre distanciamentos e hierarquias entre saberes formais e não formais, fomentando novas práticas pedagógicas que mesclam linguagens e metodologias por meio de experiências contextualizadas e interculturais dos jovens universitários com as comunidades locais. Assim, acreditamos que o projeto pode contribuir também para sensibilizar e despertar novas relações de pertencimento e engajamento com a cidade de Campos dos Goytacazes.

Educação, cultura e cidade se apresentam como pilares conceituais do projeto de maneira que possam contribuir para uma reflexão contextualizadas em diálogo intercultural e territorial frente às realidades sociais vivenciadas por jovens em Campos dos Goytacazes. Com o apoio das discussões de Paulo Freire (1991) e Moacir Gadotti e al. (2004), a cidade é vista como educadora ao passo que possibilita encontros, relações, trocas, comunicações, criações e engajamentos sociais. A cidade educadora está voltada para aprendizados coletivos que envolvem toda comunidade, integrando-a ao espaço, às trocas culturais, à memória e à gestão. Nesta perspectiva, a associação da universidade com o território onde se encontra é uma motivação importante do projeto de extensão.

O uso das mídias sociais e tecnologias juvenis são parte importante do projeto no sentido de criar uma linguagem próxima aos estudantes, além de trazer inúmeras possibilidades inventivas de comunicação e intercâmbios para visibilizar e difundir informações produzidas pelos círculos de culturas. No entanto, por outro lado, a aproximação com o território e com as pessoas de forma presencial também é uma prioridade do projeto, entendendo que além de incentivar pesquisas mais contextualizadas, provoca emoções que amplificam a conexão com histórias e sujeitos envolvidos. Com isso, o trabalho de campo e a realização de círculos de culturas dentro

e fora da universidade são ferramentas e dispositivos importantes na construção de redes, trocas, aprendizados de histórias e grupos ligados à cultura e religião afro-brasileira e indígena de Campos, em sua grande maioria, estigmatizados ou silenciados nas histórias “oficiais” da cidade.

A proposição de uma educação descolonizada é uma demanda combativa como apontada anteriormente e que se coloca como um fundamento do projeto. Entendemos como destacou Candau (2011) que os países latinos sofreram e sofrem uma forte homogeneização cultural onde a educação escolar foi importante para difundir e “consolidar uma cultura comum de base eurocêntrica, silenciando ou invisibilizando vozes, saberes, cores, crenças e sensibilidades” (CANDAU, 2011, p.242). Como proposta sugerida por Candau precisamos como, o primeiro passo, introduzir práticas pedagógicas críticas que reconheçam diferenças como princípios norteadores e promovam trocas de saberes para combater todas as formas de inferiorização de determinados sujeitos e grupos, “favorecendo a construção de identidades culturais abertas e de sujeitos de direito, assim como a valorização do outro, do diferente, e o diálogo intercultural” (CANDAU, 2011, p.253).

A partir dos preceitos sobre círculos de culturas (FREIRE, 1996) nos aproximamos de uma educação humanizada, engajada, valorizando todas as formas de conhecimentos como práxis de vida e conscientes sobre a possibilidade de mudar o mundo ao seu redor. Os círculos de culturas são uma metodologia que preza a dialogicidade com amorosidade, a valorização dos diferentes saberes, a troca de linguagens, o desenvolvimento da consciência crítica e da autonomia do(a) educando(a). Tem como base o encontro como lócus privilegiado de comunicação-discussão embasadas no diálogo e nas experiências dos atores-sujeitos.

Nesta trilha metodológica, trouxemos novos objetivos e práticas extensionistas que se diferenciaram um pouco das Rodas de Saberes, que foram realizadas apenas no âmbito da sala de aula. O movimento de ir para além dos muros universitários, com trabalhos de campo e encontros se mostraram uma forma excelente de encantar e engajar os discentes. Ao longo do ano de 2023, as atividades desenvolvidas estiveram relacionadas aos encontros presenciais com os discentes e participantes para leituras, orientações e levantamento de dados sobre os coletivos estudantis e artísticos da cidade

de Campos; preparação e elaboração de trabalhos de campo para conhecer de perto os coletivos; preparação e elaboração de 2 círculos de culturas, que ocorreram um no espaço universitário e outro na escola de samba Mocidade Louca. Todos os dois círculos de culturas foram abertos para toda a comunidade, sendo amplamente divulgados em mídias digitais.

A partir do mapeamento, contato e trabalho de campo, estabelecemos uma rede inicial de contato com fazedores de cultura do município de Campos. No trabalho de campo pudemos conhecer mais de perto alguns espaços onde os jovens universitários vão, se enturmam mais e começam a conhecer a cidade, dentre eles: o Samba na Praça, que acontece todo terceiro domingo do mês na Praça do Liceu; o samba no Bar do Dandão, que é próximo a universidade e também de escolas de samba; a Batalha de Rimas da São Salvador, que acontece semanalmente às quintas feiras na Praça Central em frente a Catedral Santíssimo Salvador; o Movimento Cultural de Rimas, que acontece todas as sextas feiras na quadra embaixo do Viaduto Leonel Brizola; e a casa Afroraiz, localizada no parque Leopoldina, que é uma casa de cultura colaborativa com diversos afro empreendimentos.

Além desses espaços frequentados pelos jovens universitários, o projeto buscou ampliar suas ações e conhecer de perto outros grupos e localidades um pouco mais afastadas da UFF. Atravessamos a ponte e fomos até Guarus, que é um território periférico e muito estigmatizado pela mídia campista. Lá conhecemos a casa da Dona Noinha do Jongo e nos maravilhamos com suas histórias e saberes. O projeto conseguiu ir 3 vezes à casa de Dona Noinha e foram perceptíveis os resultados tanto para os estudantes, que aprenderam e se conectaram com a história afro cultural do jongo da cidade, como também para a mestra Noinha. Por conta da idade (76 anos) e questões de saúde, Noinha não participa mais dos eventos externos como antigamente. Como comentou Doinha, antigamente ela estava em todo canto, falando e levando o jongo; “eles tinham que me engolir, porque eu era agitada e queria contar a minha história e da minha família”. Sua história é perpassada pelo jongo, religião afro-brasileira e movimentos sociais. Foi muito perceptível como a ida dos estudantes até a sua casa foi revigorante para ela. Como Eliza relatou, filha de Noinha, “nossos encontros renovaram e deram

vida” para a sua mãe. Durante os encontros pudemos ouvir Doinha cantar alguns jongs de sua autoria que contam sobre o seu cotidiano e histórias da cidade.

Nesta troca intergeracional de saberes, muitas alunas se emocionaram e relataram como foi importante para a sua auto identificação como negras periféricas, pois se viram também na história de luta por reconhecimento de Noinha. Outro relato que trouxeram refere-se às histórias afro-brasileiras que não conheciam, como o jongo. Antes de conhecer a mestra não sabiam nada e, após o encontro, tivemos a oportunidade de ganhar de Noinha exemplares que abordam o Jongo nas escolas, com diversos textos, imagens e vídeos educativos.



Foto 2: Trabalho de campo na Casa de Dona Noinha do Jongo, 2023

A troca com Dona Noinha inspirou as alunas participantes do projeto para saber mais sobre a história negra afro-brasileira que é pouco valorizada e contada na cidade de Campos, bem como nos currículos das instituições de ensino. Para a organização dos dois círculos de culturas propostos pelo projeto ao longo do ano, a cultura negra, educação antirracista e ancestralidade foram temáticas escolhidas. O primeiro círculo de cultura, realizado em junho, dentro da universidade, trouxe a educação antirracista através da roda de conversa com artistas e intelectuais negras de coletivos artísticos e estudantis da cidade. As convidadas para a roda de saberes foram: Simone Pedro, cientista social pela UENF especializada em Literatura, Memória Cultural e Sociedade pelo IFF, cantora, escritora e produtora cultural; também contamos com a presença da Daiane Gomes, cantora, compositora, escritora, produtora cultural, ativista independente e idealizadora da Casa Afroraiz juntamente com Pamela Correa, fazedora de cultura, ativista do movimento negro, fotógrafa, artesã, cozinheira, que trabalha com educação infantil antirracista e afroempreendedora; e por fim a discente do curso de ciências sociais, Vitória Ribeiro, licencianda pela UFF Campos, organizadora e mobilizadora do Diretório de Estudantes Negros de Ciências Sociais (NECS/UFF).

CONVIDADAS



SIMONE PEDRO

É cientista social formada pela Universidade Estadual do Norte Fluminense e especializada em Literatura, Memória cultural e Sociedade pelo Instituto Federal Fluminense. Cantora, escritora e produtora cultural, já esteve à frente de vários projetos que envolvem a história e a cultura popular afro-brasileira, sobretudo o samba e a literatura produzida por mulheres.



VITÓRIA RIBEIRO

Graduanda em Licenciatura no curso de Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista no Projeto de Extensão Diálogos do Fim do Mundo, Organizadora e mobilizadora do Diretório de Estudantes Negres de Ciências Sociais (NECS/UFF)





Figuras 2 e 3: Divulgações do Círculos de Culturas e Educação Antirracista, utilizadas nas redes sociais

Durante a roda, várias experiências e sentimentos sobre vir de outra cidade para estudar em Campos foram trazidas pelos discentes, que comentaram como é complicado criar laços com a localidade e ter segurança pela sua escolha se os próprios moradores duvidam de que a cidade tem algo para oferecer. Também foram compartilhados mapas afetivos das fazedoras de cultura e os presentes puderam conhecer e se interessar mais por espaços, eventos e histórias locais. Daiane Gomes trouxe a ideia do “rackeamento” do sistema como forma de romper barreiras racista e preconceituosas existentes na cidade, uma maneira combativa de burlar sistema e criar outros modos de re-existência. A arte foi trazida como uma arma poderosa para vencer essa demanda, bem como a criação de espaços acolhedores que integrem e valorizem parcerias e encontros afetivos entre a população negra e LGBTQIAPN+ como é a Casa AfroRaiz, criadas por Daiane e Pamela.



Fotos 3 e 4 Registros dos participantes, Círculos de Culturas e Educação Antirracista, 27/06/23

O segundo evento do Círculos de Culturas ocorreu conjuntamente com as atividades do Novembro Negro da UFF/Campos, idealizado e realizado pelo Movimento Preto da UFF, pela Agenda Antirracista e pelo Círculos de Culturas, estes dois últimos movimentos oriundos de projetos de extensão. Esta segunda roda aconteceu fora da universidade, na quadra da Agremiação Carnavalesca Mocidade Louca, com o tema Educação e Ancestralidade, onde pudemos contar com mulheres que vêm lutando pelo reconhecimento e valorização da cultura e religiões afro-brasileiras na cidade, são elas: Rosa Maria Moreira Sales, Yalorixá do terreiro Xangô Menino e Professora de História; Clea Leopoldina Moraes Almeida, carnavalesca, historiadora, diretora de escola na rede pública estadual e doutoranda em Política Social, na UENF; e Neusinha da Hora. mulher preta, umbandista, jongueira, pedagoga, licenciada em teatro, atriz e diretora artística do Núcleo de Arte e Cultura de Campos, atualmente está coordenadora artística do Teatro de Bolso Procópio Ferreira.



Figura 4: Divulgação do Círculos de Cultura: Educação e Ancestralidade, que ocorreu 14/11/2023

Com cânticos, performances e muita conversa entre convidadas, várias histórias de movimentos negros, artísticos e religiosos de Campos foram sendo apresentados aos participantes. A oralidade foi referenciada através dos ensinamentos que as convidadas aprenderam com os seus antepassados. Samba, jongo, teatro e terreiro foram apresentados como escolas que são modos de enfrentamento da cultura dominante e também espaços de trocas e afetos para a comunidade negra. Clea, que foi criada na quadra da Mocidade Louca, comentou que se ela está ali presente e acolhida naquele espaço há anos é por que outras pessoas vieram e passaram por ali, abrindo caminhos e criando meios para tornar a escola de samba um pólo que irradia cultura pelo bairro dos Morrinhos. Mãe Rosa e Neusimar trouxeram mensagens em alusão ao caminho do retorno, processo pelo qual reconhece e saúda quem veio antes e evoca a força ancestral para contar histórias que são pouco conhecidas. O caminho do retorno liga com o caminho do agora e do que vem pela frente, com os caminhos do aprender que, no caso das convidadas, estão diretamente relacionados com os cantos do jongo, das religiões e das escolas de samba. É a partir desse entrelaçamento dos caminhos que “nos conectamos conosco e nos curamos de qualquer preconceito e racismo que sofremos e nos antepassados também” (Neusinha); “se hoje estamos aqui falando de ancestralidade, amanhã serão vocês” (Mãe Rosa).

O formato de roda, no qual as trocas de saberes ocorreram naquela quadra de samba, foi muito impactante para todos presentes e para outros moradores da localidade que também se interessaram em participar. Ficaram impressionados com a presença dos jovens estudantes que escutavam as histórias com muito respeito e interesse. As trocas efervescentes e contagiantes deste encontro trouxeram uma série de ideias de continuidade e parcerias, como a do João, sambista e morador antigo do bairro, que, após cantar alguns sambas de sua autoria, convidou os estudantes para se engajarem na campanha de projetos de lei que está organizando para a criação de datas comemorativas para figuras negras importantes para a história campista.



Fotos 5 e 6: Registros da preparação e realização do Círculos de Culturas na quadra da Mocidade Louca, 14/11/23

Considerações parciais

Como apresentado ao longo do texto, tanto as Rodas de Saberes como o projeto de extensão dos Círculos de Culturas são ações novas e iniciantes. No âmbito das Rodas de Saberes, como atividades de culminância da disciplina, os resultados positivos dos relatos dos discentes foram impulsionadores para a continuidade e desdobramento na criação do projeto de extensão. Em relação ao projeto dos círculos de culturas, ainda estamos em fase de analisar o último encontro, ocorrido na quadra da Mocidade Louca, no dia 14/11/23³, como também os demais acontecimentos. Mas, como foi sendo apresentado no decorrer do texto, pode-se perceber uma série de desdobramentos e efeitos aos participantes, como nos trabalhos de campo na casa de Doinha, na criação de redes e também nas trocas dos círculos de culturas. Como parte conclusiva deixo abaixo alguns relatos dos discentes e participantes⁴, começando com as Rodas de Saberes, ocorridos na disciplina PE 2, e finalizando com os estudantes participantes do projeto de extensão.

A Roda de saberes foi um evento descontraído, emocionante e construtivo, e esse é justamente um dos seus méritos enquanto proposta pedagógica, com sua forma quase lúdica, com apresentações de clipes e poesias, e comida é claro, criam um ambiente acolhedor, e com sua horizontalidade e quebra da fórmula mais tradicional de organização em sala de aula, diminuindo pelo menos simbolicamente a hierarquização e assim fazendo uma aproximação do aluno, do professor e dos convidados, ela também dá uma maior autonomia para esses alunos e os convidados se expressarem; os coloca no centro do processo para uma construção coletiva e intercultural dos saberes através do diálogo e da troca de experiências (discente 1).

Enquanto recurso prático a roda de saberes é também uma troca que observei como necessária, principalmente, por contar com vozes de não educadores, no sentido profissional da palavra. Expandir o olhar de que a educação vem também por vias que não “professor e aluno”, faz entender que educar não é um trabalho que acontece sozinho e nem mesmo somente na escola. Trouxe também outros olhares para pensar o “educar o jovem”. Exemplo disso está na fala de Carla do Movimento Cultural de Rimas, que diz que a rima é uma forma de discussão onde se coloca a personalidade de quem rima e também questões sociais. Quanto mais diversificados são aqueles que batalham, mais vivências se tem acesso. Trazer vozes de mulheres, gerar discussões (rimas) sobre o machismo, trazer pessoas LGBTQIA+ gera discussões sobre homoafetividade. A construção do conhecimento é gerada em coletivo, sem uma forte hierarquia, sem linguagens inacessíveis (discente 2).

³ O projeto de extensão ainda está em curso e estamos em fase de finalizar as atividades deste ano. Texto escrito para o Congresso reACT e finalizado no dia 20/11/2023.

⁴ Nesta apresentação dos relatos dos discentes optamos por deixar a identidade deles de forma anônima.

Nasci e cresci na cidade de Campos dos Goytacazes, de certo, minha educação é formulada de acordo com ambiente em que vivo, mas não tenho conhecimento de todas as formas de educação aqui acontecidas. Como aluna de graduação e futura professora, achei excelente a prática da roda de saberes. Não havia obtido contato com nenhuma das práticas apresentadas, o que me fez perceber que acontecem muito mais de cultura do que estamos acostumados a ver pela cidade (discente 3).

O diálogo educacional entre conhecimentos escolares e não escolares muitas vezes se torna desafiador diante da hierarquia de saberes e da formatação curricular das instituições de ensino. Além disso, implementar práticas novas, que saem daquele sistema de ensino mais clássico, também é desafiador e difícil para engajar o alunado. Embora seja preciso muita energia e às vezes um sentimento de solidão, ainda mais numa ação nova, também podemos ver como essas práticas transformam e abrem para novas possibilidades. A partir dos relatos acima e como destaca Gohn (2014), às trocas de saberes não formais são constituintes e formadoras de elos de pertencimentos.

(...) a educação não formal é uma ferramenta importante no processo de formação e construção da cidadania das pessoas, em qualquer nível social ou de escolaridade, destacando, entretanto, sua relevância no campo da juventude. Pelo fato de ser menos estruturada e mais flexível, consegue atingir a atenção e o imaginário dos jovens. Quando é acionada em processos sociais desenvolvidos em comunidades carentes socioeconomicamente, ela possibilita processos de inclusão social via o resgate da riqueza cultural daquelas pessoas, expressa na diversidade de práticas, valores e experiências anteriores” (Gohn, 2014: 42).

Esses apontamentos levantados pela autora foram perceptíveis também durante os círculos de culturas realizados com os estudantes, coletivos, professores da educação básica, artistas e pesquisadores. Neles foram despertadas reflexões acerca da educação no sentido amplo do conceito, tratando a cidade como educadora, bem como a arte e cultura como sensibilizadoras e produtoras de conhecimentos e saberes fundamentais para a formação cidadã. Nas conversas, notou-se como a grande maioria dos discentes não conhece a cidade e tem pouco envolvimento com a cultura, política e questões sociais locais. Neste sentido, as trocas nas rodas e círculos de culturas, que evocam um espaço de diálogo e acolhedor, evidenciou como é de grande importância estas práticas que relacionam saberes formais e informais para despertar a sociabilidade dos jovens com a

própria cidade. Dessa maneira, a universidade também pode e deve ser uma ponte para estreitar laços com a comunidade, especialmente na realização de projetos extensionistas que permitam ampliar e integrar as instituições de ensino com a cultura local. O impacto destas práticas para a cidade pode se tornar ainda relevante com sua continuidade, permitindo um maior envolvimento da nova geração com as demandas locais, fixando a juventude no território, além de sensibilizá-los para serem fazedores, consumidores e admiradores da história e cultura campista. Para finalizar, deixo o relato de uma aluna pertencente ao projeto de extensão:

No projeto é possível conhecer novas esferas fora da universidade e logo que fiquei sabendo que existia alguém que estudava temas que eu me interessei na Uff fiquei animada demais pois acreditei que seria a minha oportunidade de me envolver e aprender muito dentro da temática, felizmente foi muito mais. Os encontros que tivemos foram agregadores de diversos conhecimentos, assim como aconteceu na última roda de conversa.

Esse momento foi de bastante expansão, onde trouxemos figuras importantes para realizarem um encontro de saberes que não são ensinados na escola, assim como histórias, fazeres, lembranças e bastante aprendizado. Eu me senti bastante livre para ser quem eu era, e o ambiente me trouxe uma proximidade de raízes que não precisam ser expostas de forma explícita para ser percebido qualquer semelhança eu como uma adepta do candomblé, amante do samba e da cultura campista não poderia me dar como satisfeita com todos os assuntos abordados lá. Fizemos um breve *tour* sobre as histórias de cada participante e sobre a cidade, as formações formais ou não que cada um teve e como foi o impacto que vivenciamos até chegar o atual momento.

Enfim, essas saídas da sala de aula e o contato com o mundo externo é importante para formação do cientista social e de todos os alunos que estão traçando sua caminhada, estar próximo da comunidade e uns dos traços que vão marcar minha caminhada e de vários outros alunos. O nosso projeto é composto de força e empatia. E eu vejo que essa é a real intenção de realizar essa troca entre a comunidade acadêmica e a sociedade, trocando saberes reconhecendo que existe um mundo lá fora que trará amplitude aos nossos olhares em relação ao indivíduo.

Referências

- ARROYO, Miguel G. 2014. Outros Sujeitos, Outras Pedagogias. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- ARROYO, Miguel G. 2013. Currículo: um território em disputa. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1981. O Que é Educação. São Paulo: Brasiliense.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; ASSUMPÇÃO, Raiane. 2008. Cultura Rebelde. Escritos sobre a educação popular ontem e agora. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire.
- CANDAU, Vera. 2011. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. In: Currículo sem Fronteiras, v.11, n.2, pp.240-255.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. 2005. A construção do outro como não - ser como fundamento do ser. 2005. 339 f. (Doutorado em Filosofia da Educação) – FE/USP, São Paulo.
- DAUSTER, Tânia. 2004. "Entre a Antropologia e a Educação" - a produção de um diálogo imprescindível e de um conhecimento híbrido. IN 1LHA - Florianópolis, v.6, n.1 e n.2, p. 197-207.
- FLEURI, Reinaldo Matias. 2003. Intercultura e educação. Revista Brasileira de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago.
- FREIRE, Paulo. 1996. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo. 2021[1967]. A sociedade Brasileira em Transição. In: Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo. 1991. Educação na cidade. São Paulo: Cortez, 1991.
- GADOTTI, Moacir; PADILHA Paulo Roberto; CABEZUDO, Alicia. 2004. Cidade educadora: princípios e experiências. São Paulo: Cortez/ IPF.
- GOHN, Maria da Glória. 2014. Educação. Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. Investigar em Educação - II a Série, Número 1.
- GOMES, Nilma Lino. 2012. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. Currículo sem fronteiras, v.12, n.1. pp. 98-109.
- GOMES, Nilma Lino. 2017. O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes.
- GUSMÃO, Neusa. 1997. "Antropologia e educação: origens de um diálogo" In Cadernos Cedex, ano XVIII, no 43, p.8-25.
- HOOKS, Bell. 2013. Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

HOOKS, Bell. 2021. Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança. tradução Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante.

QUIJANO, Aníbal. 2005. Colonialidad del Poder, Eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). La Colonialidad del Saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso, p. 201-246.

RUFINO, Luiz. 2021. Vence demanda: educação e descolonização. Rio de Janeiro: Mórula.

SANTOS, Boaventura de Sousa. 2006. A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez Editora.

WALSH, Catherine. 2009. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU V.M. (Org.) Educação Intercultural na América Latina: Entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, p.12-42.